

ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES E TREINADORES E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS ESPORTES COLETIVOS

**PEDAGOGICAL PRACTICE OF TEACHERS AND COACHES AND THE
INTEGRAL DEVELOPMENT OF CHILDREN AND ADOLESCENTS IN TEAM
SPORTS**

Ciências Humanas • 23/09/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/790024543](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/790024543)

Andre Luis Donega¹

Antonio José Müller²

RESUMO

Este artigo analisa a atuação pedagógica de professores e treinadores e sua contribuição para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes que participam de esportes coletivos. O objetivo do estudo é compreender como decisões relativas ao planejamento, aos métodos de ensino, à inclusão, à competição e às relações interpessoais podem favorecer as dimensões física, motora, cognitiva, emocional, social e ética dos participantes. A prática esportiva, quando planejada de forma educativa, inclusiva e adequada às características de quem a vive, favorece essas dimensões, embora os ganhos não decorram automaticamente da simples participação: dependem da qualidade das relações estabelecidas, dos objetivos definidos e dos procedimentos pedagógicos adotados. Professores e treinadores constroem, com suas escolhas cotidianas, ambientes seguros, acolhedores e estimulantes, capazes de respeitar diferenças individuais e promover autonomia, cooperação, responsabilidade e participação. A pesquisa, de caráter bibliográfico, qualitativo e descritivo, apoiou-se em livros, artigos científicos e documentos educacionais voltados à pedagogia do esporte, à Educação Física e ao desenvolvimento humano. A análise indica que metodologias centradas no jogo, na resolução de problemas e na participação ativa dos alunos atendem melhor ao ensino dos esportes coletivos do que práticas exclusivamente tecnicistas e seletivas. Conclui-se que professores e treinadores precisam assumir uma postura pedagógica consciente: seu trabalho ultrapassa o ensino de técnicas e táticas esportivas e envolve a formação integral, a proteção e a valorização de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Pedagogia do esporte; Esportes coletivos; Desenvolvimento integral; Crianças; Adolescentes.

ABSTRACT

This article discusses the pedagogical role teachers and coaches play in the integral development of children and adolescents who take part in team sports. Sports practice, when planned in an educational, inclusive way suited to participants' characteristics, favors physical and motor development and also cognitive, emotional, social and ethical dimensions, although these gains do not follow automatically from participation alone: they depend on the quality of the relationships built, the objectives set and the pedagogical procedures adopted. Teachers and coaches shape, through their everyday choices, environments that are safe, welcoming and stimulating, able to respect individual differences and encourage autonomy, cooperation, responsibility and participation. The study, bibliographical, qualitative and descriptive in nature, drew on books, scientific articles and educational documents related to sport pedagogy, Physical Education and human development. The analysis shows that methodologies centered on games, problem-solving and active student participation serve the teaching of team sports better than purely technical, selective approaches. It is concluded that teachers and coaches need to take on a conscious pedagogical stance: their work goes beyond teaching sports techniques and tactics and includes the integral education, protection and appreciation of children and adolescents.

Keywords: Sport pedagogy; Team sports; Integral development; Children; Adolescents.

1. ESPORTES COLETIVOS E FORMAÇÃO HUMANA: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Os esportes coletivos fazem parte do cotidiano de muitas crianças e adolescentes: aparecem nas aulas de Educação Física, em clubes, projetos sociais, associações comunitárias, escolas esportivas e espaços de lazer, e modalidades como futebol, futsal, voleibol, handebol e basquetebol despertam interesse justamente porque reúnem movimento, interação, competição, diversão e a sensação de pertencer a um grupo. O que essas práticas de fato contribuem para o desenvolvimento humano, porém, depende de como são organizadas e conduzidas, e é essa dependência que este artigo toma como ponto de partida.

A Constituição Federal reconhece o lazer como direito social e estabelece o dever do Estado de fomentar práticas desportivas. O Estatuto da Criança e do Adolescente, por sua vez, determina, em seus artigos 3º e 4º, que crianças e adolescentes tenham asseguradas oportunidades capazes de favorecer o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social e que a efetivação dos direitos ao esporte e ao lazer constitui responsabilidade compartilhada entre família, comunidade, sociedade e poder público (Brasil, 1988, 1990).

Dentro da escola e das demais instituições de ensino, reduzir o esporte a um conjunto de regras, gestos técnicos ou exercícios físicos é perder o essencial. Ele é um fenômeno cultural e social, por meio do qual os participantes aprendem formas de convivência, comunicação, tomada de decisão, respeito e organização coletiva, o que exige que o ensino das modalidades coletivas considere as dimensões física, cognitiva, afetiva, social e ética do desenvolvimento, e não apenas a dimensão motora.

A Base Nacional Comum Curricular apresenta os esportes como uma das práticas corporais que compõem a Educação Física e

orienta a educação brasileira para a formação humana integral, a inclusão e a construção de uma sociedade democrática. Desse modo, a aprendizagem esportiva deve envolver conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e possibilidades de participação crítica na cultura corporal (Brasil, 2018).

Professores e treinadores ocupam, nesse processo, uma posição de grande responsabilidade: suas palavras, atitudes, critérios de avaliação e maneiras de conduzir vitórias, derrotas e conflitos influenciam diretamente a experiência dos jovens. Um profissional que valoriza somente o resultado pode intensificar medo, insegurança e exclusão; aquele que reconhece o esforço, incentiva a cooperação e acolhe os erros como parte da aprendizagem contribui para formar participantes mais autônomos e confiantes (Bengtsson et al., 2024). Estudos recentes reforçam que comportamentos interpessoais do treinador e intervenções voltadas ao desenvolvimento relacional podem melhorar a experiência de jovens atletas, especialmente quando o ambiente valoriza apoio, autonomia e relações de qualidade (Bengtsson et al., 2024).

Diante disso, o presente artigo apresenta o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a atuação pedagógica de professores e treinadores pode contribuir para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes nos esportes coletivos?

O objetivo geral é analisar a importância da atuação pedagógica de professores e treinadores no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes participantes de esportes coletivos. Como objetivos específicos, o trabalho procura compreender os esportes coletivos como espaços de aprendizagem e formação humana, identificar as dimensões do desenvolvimento favorecidas pela prática esportiva,

discutir metodologias adequadas ao ensino das modalidades coletivas, refletir sobre os riscos de práticas seletivas e excessivamente competitivas e apresentar princípios para uma atuação pedagógica inclusiva e ética.

A relevância do estudo está na necessidade de superar a ideia de que saber executar uma modalidade é suficiente para ensiná-la. O conhecimento técnico é indispensável, mas precisa estar articulado ao planejamento pedagógico, à compreensão das fases do desenvolvimento, à proteção dos participantes e à criação de relações respeitadas, porque professores e treinadores não formam apenas atletas, participam da educação de sujeitos em desenvolvimento.

2. ESPORTES COLETIVOS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL: BASES TEÓRICAS

2.1. O Esporte Coletivo Como Espaço de Educação

Esportes coletivos se organizam em torno de objetivos comuns, regras e relações de colaboração e oposição. Em uma partida, cada jogador acompanha ao mesmo tempo os companheiros, os adversários, a bola e os espaços, decide sem parar e ajusta seus movimentos ao que a situação apresenta. Jogar, então, não é reproduzir gestos ensinados de antemão: a criança precisa perceber o que acontece em volta, interpretar o problema e escolher uma saída, e ao decidir se passa, finaliza, se desloca ou protege um espaço, coloca em ação conhecimentos motores e cognitivos ao mesmo tempo. É por isso que o ensino esportivo precisa criar situações em que o participante entenda o jogo, em vez de apenas memorizar técnicas isoladas.

O esporte também é espaço de convivência. Numa equipe os participantes lidam com diferenças de habilidade, personalidade, ritmo de aprendizagem, origem social, condição física e experiência, o que pode favorecer o respeito à diversidade e o reconhecimento da contribuição de cada um. Mas se o ambiente for marcado por humilhações, exclusões e comparações constantes, o esporte reforça desigualdades em vez de superá-las.

O esporte não educa por si mesmo. Suas possibilidades educativas dependem dos objetivos, das relações e das intervenções dos adultos responsáveis. Os valores não se transmitem só pelo discurso. Aprendem-se na maneira como o professor organiza as equipes, distribui as oportunidades, reage aos erros e conduz os conflitos. Quando uma criança menos habilidosa permanece sempre no banco de reservas, aprende que só os melhores merecem participar; quando o treinador tolera provocação e agressão em nome da vitória, o grupo aprende que o resultado importa mais do que o respeito entre as pessoas. E quando todos participam, as regras são discutidas e o esforço de cada um é reconhecido: o que o esporte ensina, nesses casos, é inclusão, justiça, responsabilidade. (Freire *et al.*, 2023). Nessa perspectiva, MacDonald *et al.* (2020) demonstram que a formação específica de treinadores para o desenvolvimento positivo de jovens pode ampliar comportamentos pedagógicos orientados à formação integral e favorecer experiências desenvolvimentais mais positivas entre os atletas.

A pedagogia do esporte propõe ensinar o fenômeno esportivo em sua complexidade, ou seja, trabalhar os conhecimentos técnicos e táticos sem abandonar os aspectos sociais, culturais e afetivos que atravessam a prática. A criança e o adolescente precisam aprender a jogar, compreender o jogo, conviver com os outros, cuidar do

próprio corpo e refletir sobre valores e comportamentos ligados à prática esportiva. No contexto brasileiro, Palheta *et al.* (2022) destacam que integrar intencionalmente habilidades esportivas e habilidades para a vida ainda constitui um desafio para programas juvenis, exigindo metodologia estruturada, clareza de objetivos e processos de avaliação.

2.2. Desenvolvimento Integral de Crianças e Adolescentes

Falar em desenvolvimento integral é falar da formação do sujeito em suas diferentes dimensões, sem separar corpo de um lado, pensamento, emoções e relações sociais de outro, porque uns e outros se influenciam o tempo todo. A prática esportiva entra nesse processo quando respeita a idade, a experiência acumulada, as necessidades e os interesses de quem participa. Em estudo com 817 jovens atletas brasileiros, Freire *et al.* (2023) observaram que o apoio do treinador à autonomia e a satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e vínculo se associam ao desenvolvimento de habilidades para a vida por meio do esporte. Uhle *et al.* (2024), ao analisarem um programa esportivo brasileiro voltado a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, ressaltam a importância de propósito compartilhado, sensibilidade ao contexto e construção de uma comunidade de aprendizagem para que o esporte produza efeitos educativos consistentes.

2.2.1. Desenvolvimento Físico e Motor

Na dimensão física e motora os esportes coletivos favorecem coordenação, equilíbrio, agilidade, força, resistência, velocidade, orientação espacial e domínio corporal, já que as situações do jogo

exigem mudanças de direção, deslocamentos, saltos, lançamentos e controle de objetos o tempo todo.

O planejamento precisa respeitar as fases de crescimento e desenvolvimento: criança não é adulto em miniatura. Exercícios, duração das atividades, cargas e níveis de cobrança devem corresponder à idade e à experiência de quem está treinando, porque o excesso de treinamento e a repetição inadequada trazem fadiga, desmotivação e risco de lesão. Além disso, a literatura recente recomenda cautela com a especialização esportiva precoce, pois seus efeitos podem envolver lesões por sobrecarga, impactos psicossociais e prejuízos ao desenvolvimento esportivo de longo prazo (Barth *et al.*, 2022; Sugimoto *et al.*, 2024; Luo *et al.*, 2025).

Na infância, a diversidade de movimentos importa mais do que a especialização. Antes de buscar um alto grau de especialização é necessário desenvolver um repertório motor amplo: experiências variadas ajudam a criança a conhecer o próprio corpo e servem de base para aprendizagens posteriores.

2.2.2. Desenvolvimento Cognitivo

Nos esportes coletivos os participantes enfrentam problemas que precisam ser resolvidos rapidamente: observam posições, antecipam movimentos, avaliam riscos e escolhem entre alternativas, mobilizando atenção, memória, percepção, criatividade e capacidade de decisão a cada lance.

O professor amplia esse desenvolvimento ao perguntar em vez de responder por eles. Em lugar de entregar a solução, pode perguntar: "Como podemos criar espaço para receber a bola?", "Qual seria a melhor forma de defender esta situação?" ou "O que podemos

modificar para que todos participem?". Perguntas assim estimulam reflexão e participação ativa. Esse tipo de mediação aproxima o ensino esportivo de abordagens que valorizam autonomia, participação e tomada de decisão, elementos também apontados na literatura recente como importantes para ambientes esportivos mais inclusivos e formativos (Erdilanita; Ma'mun; Berliana, 2025).

O erro também faz parte do processo de aprender. Quando o participante erra um passe ou toma uma decisão inadequada, cabe ao profissional ajudá-lo a analisar a situação, e não puni-lo ou expô-lo ao constrangimento: isso reduz a confiança e pode levar a criança a evitar experimentar novas possibilidades.

2.2.3. Desenvolvimento Emocional

Treinos e competições mexem com sentimentos intensos: alegria, ansiedade, frustração, medo, orgulho, insegurança. Quando existe acompanhamento adequado, viver tudo isso ajuda a criança e o adolescente a aprender a regular as próprias emoções.

Aprender a perder sem desistir, vencer sem humilhar, lidar com cobranças e reconhecer os próprios limites são experiências importantes, mas isso não significa que sofrer excessivamente seja um caminho necessário para formar pessoas fortes. Pressão desproporcional, ameaças e constrangimento não são recursos educativos.

O professor ou treinador precisa oferecer apoio emocional e criar um ambiente em que os participantes possam falar sobre o que sentem. Valorizar o esforço e a evolução ajuda a construir autoconfiança, e o resultado da partida deve ser lido como informação sobre o

desempenho da equipe, não como medida do valor pessoal de cada jogador. (Bengtsson *et al.*, 2024).

2.2.4. Desenvolvimento Social

As modalidades coletivas criam oportunidades de comunicação, cooperação, responsabilidade e resolução de conflitos: os jogadores percebem que suas ações afetam o grupo e que alcançar um objetivo depende da participação dos companheiros.

Cooperar não elimina competir. Dá para competir respeitando adversários, regras e autoridades esportivas, e a competição bem conduzida pedagogicamente traz desafios e permite que cada um avalie o que já sabe, desde que seja adaptada ao nível dos jovens e não transforme o resultado na única finalidade.

Em uma perspectiva educativa, a competição precisa valorizar o processo vivido pelo participante, com oportunidades democráticas e objetivos educacionais claramente definidos, sem transformar o resultado na única finalidade. Palheta et al. (2022) mostram que a pressão por eventos competitivos e resultados pode entrar em conflito com propostas de desenvolvimento positivo quando os objetivos formativos não são claramente compreendidos por treinadores, gestores e famílias.

2.2.5. Desenvolvimento Ético

A dimensão ética envolve respeito às regras, aos adversários, aos companheiros e às diferenças. O esporte oferece situações concretas em que valores podem ser vividos, mas a ética não se reduz à obediência: é preciso compreender a finalidade das regras e discutir as consequências das ações.

O professor precisa manter coerência entre o que diz e o que faz. Não se ensina respeito gritando com árbitros, humilhando jogadores ou incentivando atitudes desleais. O comportamento do adulto funciona como referência para as crianças e os adolescentes.

3. METODOLOGIA

Este é um estudo bibliográfico: não houve entrevista, questionário ou qualquer contato direto com professores, treinadores, crianças ou adolescentes, e os resultados vêm inteiramente da leitura, da interpretação e do cruzamento de ideias de autores já publicados sobre o tema. A abordagem é qualitativa, de natureza básica e objetivo descritivo, e o que a pesquisa bibliográfica oferece é a possibilidade de reunir conhecimentos já produzidos sobre um assunto e construir, a partir deles, uma interpretação fundamentada do problema investigado.

O levantamento percorreu livros, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas ligados à pedagogia do esporte, aos esportes coletivos, à Educação Física, ao desenvolvimento humano e à atuação de professores e treinadores. Entraram na seleção as publicações que tinham relação direta com o tema, que traziam contribuição teórica para a área e que podiam ser pensadas no contexto da iniciação esportiva de crianças e adolescentes.

A leitura do material se organizou em cinco eixos: o esporte como prática educativa, as dimensões do desenvolvimento integral, a atuação pedagógica dos profissionais, os métodos de ensino dos esportes coletivos e os desafios ligados à competição, à especialização precoce, à inclusão e à proteção dos participantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. A Atuação Pedagógica de Professores e Treinadores

A atuação pedagógica é o conjunto de decisões sobre objetivos, conteúdos, métodos, formas de avaliação e relações que se estabelecem ao longo do ensino. Nos esportes coletivos ela exige conhecimento técnico da modalidade e, ao mesmo tempo, compreensão sobre educação, desenvolvimento humano e proteção infantojuvenil, o que já indica que dominar a modalidade como praticante não é o mesmo que saber ensiná-la. A literatura recente atribui papel central à preparação pedagógica do treinador. Newman *et al.* (2024) defendem que a formação de treinadores para o desenvolvimento positivo de jovens deve incluir conteúdos e estratégias capazes de transformar princípios formativos em comportamentos concretos durante treinos e competições.

Professores e treinadores precisam conhecer quem está diante deles: idade, experiências anteriores, interesses, limitações e condições sociais influenciam a aprendizagem, e um diagnóstico inicial é o que permite planejar atividades adequadas e traçar objetivos possíveis. Nesse sentido, Freire *et al.* (2023) destacam que práticas de apoio à autonomia podem favorecer a satisfação das necessidades psicológicas básicas e a aquisição de habilidades como trabalho em equipe, comunicação, liderança, definição de metas e resolução de problemas.

A diferença entre professor e treinador não deve servir para separar educação e rendimento de forma absoluta. O professor escolar precisa conhecer os fundamentos esportivos; o treinador precisa reconhecer que toda intervenção com crianças e adolescentes carrega consequências educativas, e mesmo numa equipe competitiva a formação humana não pode ser deixada de lado. Essa

compreensão é coerente com pesquisas brasileiras recentes que tratam o desenvolvimento positivo como um objetivo possível também em ambientes competitivos, desde que existam mudanças organizacionais, apoio institucional e intencionalidade pedagógica (Santos *et al.*, 2024).

Toescher, Bergmann e Pinheiro (2026), ao investigarem treinadores de equipes escolares extraclasse, destacam que o ensino intencional de habilidades para a vida por meio do esporte depende de ações pedagógicas planejadas. Essa perspectiva reforça que o treinador não atua apenas sobre aspectos técnicos e táticos, mas também pode favorecer aprendizagens relacionadas à autonomia, responsabilidade e convivência social.

Campos, Silva e Peixoto (2025) ressaltam a importância do Desenvolvimento Positivo de Jovens no contexto esportivo, considerando dimensões como competência, confiança, conexão, caráter e cuidado. Para a prática pedagógica, essa abordagem amplia a compreensão do esporte como ambiente capaz de contribuir para diferentes dimensões da formação de crianças e adolescentes.

Frederico *et al.* (2022), ao analisarem percepções de professores e alunos na iniciação aos esportes coletivos, evidenciam a relevância dos aspectos conceituais e atitudinais no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a intervenção pedagógica precisa ultrapassar a execução técnica e considerar também conhecimentos, valores e atitudes construídos durante a prática esportiva.

A comunicação decide boa parte do que se aprende: orientações claras e demonstrações adequadas facilitam a compreensão, o

excesso de informação confunde os iniciantes e a crítica genérica não diz a ninguém como melhorar. O retorno pedagógico precisa ser específico, respeitoso e compatível com a capacidade de quem o recebe. Toescher, Bergmann e Pinheiro (2026) verificaram, em treinadores de equipes escolares extraclasse, a importância da intencionalidade para o ensino de habilidades para a vida por meio do esporte, reforçando que esses aprendizados precisam ser planejados e não apenas esperados como consequência automática da participação esportiva.

Observar o comportamento do grupo também faz parte do trabalho. Queda de rendimento, isolamento, agressividade, medo e recusa persistente em participar podem indicar dificuldades que vão além do esporte. Professores e treinadores não devem fazer diagnósticos para os quais não têm formação, mas precisam escutar, registrar o que for importante e buscar o apoio da família ou da equipe responsável quando algo não está bem.

4.2. Metodologias para o Ensino dos Esportes Coletivos

Durante muito tempo o ensino esportivo esteve ligado a modelos tecnicistas, baseados na repetição de gestos fora do contexto do jogo: os participantes cumpriam longas sequências de passes, chutes e arremessos antes de terem qualquer oportunidade real de jogar. A aprendizagem técnica é importante, mas separá-la em excesso do jogo dificulta entender quando e por que usar determinado movimento, e uma criança pode executar um passe perfeito numa fila de exercício e ainda assim não saber decidir o momento certo de dá-lo numa situação real de jogo.

Há quem defenda, e a objeção tem peso, que sem uma base técnica bem repetida o jovem chega mal preparado para o jogo de verdade e, mais adiante, para a competição em nível mais alto: repetir até automatizar seria justamente o que garante o gesto técnico quando a pressão do jogo aperta. O argumento não é descartável, mas confunde repetir com aprender: automatizar um gesto fora de contexto não garante que o jogador saiba reconhecer o momento de usá-lo, e é exatamente essa leitura de jogo, e não o gesto isolado, que falta a quem só treinou em fila.

As abordagens contemporâneas da pedagogia do esporte valorizam o jogo como ambiente de aprendizagem. Aquino e Menezes (2022) discutem abordagens tradicionais e centradas no jogo e defendem a importância de compreender os princípios pedagógicos que orientam o ensino dos esportes coletivos. Lanes e Ribas (2020), ao aprofundarem o Método Situacional, também destacam situações de jogo como recurso para integrar técnica, tática e tomada de decisão.

Em um jogo reduzido de três contra três, por exemplo, cada participante toca mais vezes na bola e enfrenta mais decisões do que numa partida formal com equipes numerosas, e o professor pode alterar o tamanho do espaço, o número de jogadores, o tempo ou as regras para dar destaque a um conteúdo específico.

As adaptações precisam manter relação com a lógica da modalidade. Criar uma brincadeira qualquer não basta: o que estimula a aprendizagem é o problema por trás dela. Para trabalhar ocupação de espaço criam-se zonas de pontuação; para incentivar a cooperação, estabelece-se que todos os integrantes participem da jogada antes da finalização.

Uma aula ou treino pode se organizar em cinco momentos: acolhimento, com a apresentação dos objetivos e a observação das condições do grupo; atividade inicial, um jogo simples ou uma dinâmica ligada ao conteúdo; situação-problema, um jogo modificado que desafie os participantes; reflexão, uma conversa breve sobre estratégias, dificuldades e soluções; e retomada do jogo, uma nova experiência para aplicar o que foi discutido.

Essa organização coloca o participante no centro da aprendizagem, e o profissional passa a atuar como mediador: observa, questiona, oferece orientações quando necessário. Isso não é abandonar o ensino técnico. Os fundamentos continuam sendo trabalhados em momentos específicos, sobretudo quando uma dificuldade limita a participação no jogo, mas precisam voltar depois para o contexto da modalidade.

4.3. Competição, Resultados e Formação Humana

A competição é traço do esporte e não precisa ser retirada das atividades com crianças e adolescentes. O problema aparece quando ela passa a ser organizada só segundo os interesses dos adultos e serve de justificativa para práticas prejudiciais.

Numa perspectiva educativa, competir é enfrentar desafios, testar o que se aprendeu e conviver com o resultado: a vitória pode trazer satisfação e motivação, a derrota pode estimular reflexão, mas nenhuma das duas coisas acontece por conta própria, depende de como o professor ou treinador conduz o momento.

A busca exagerada pela vitória pode produzir seleção precoce, medo de errar e redução das oportunidades de participação. Leonardo e Scaglia (2022) argumentam que as abordagens baseadas no jogo

também envolvem dimensões éticas e morais, exigindo que a prática pedagógica reconheça o jogador como sujeito ativo. Dessa forma, competir precisa estar articulado ao respeito, à participação e à formação humana.

Para evitar isso, os profissionais podem avaliar por critérios diferentes, como participação, esforço, evolução, cooperação, tomada de decisão e respeito. O placar continua sendo parte do jogo, só não deveria ser o único indicador de sucesso.

O tempo de participação também merece atenção: manter os mesmos jogadores durante toda a partida e deixar outros de fora contradiz o próprio objetivo de formação, e distribuir as oportunidades de forma equilibrada fortalece a aprendizagem e o vínculo de cada um com a equipe.

Depois das competições, a conversa deve tratar do desempenho sem apontar culpados. Perguntas como "O que realizamos bem?", "Em que precisamos melhorar?" e "Como nos comportamos como equipe?" ajudam a transformar o resultado em aprendizagem.

4.4. Inclusão e Respeito à Diversidade

Incluir é mais do que matricular ou permitir a presença de alguém: é garantir condições reais de envolvimento e aprendizagem para crianças e adolescentes que chegam com níveis de habilidade, ritmos, características corporais, condições socioeconômicas e necessidades bem diferentes entre si.

A formação das equipes precisa evitar exposições constrangedoras. Escolher jogadores em voz alta, um por um, na frente de todos, costuma deixar os mesmos sempre por último e reforça a sensação

de rejeição; o professor pode montar os grupos antes da aula ou usar critérios variados e pensados para isso.

É preciso também enfrentar preconceitos de gênero, deficiência, raça, condição corporal e habilidade. A ideia de que certas modalidades são só de menino ou só de menina limita experiências e reproduz desigualdades.

As adaptações vão de bolas de tamanhos e pesos diferentes à redução do espaço de jogo, à mudança na altura dos alvos, ao tempo maior para realizar uma ação e a regras criadas especificamente para favorecer a participação. Adaptar não significa simplificar indiscriminadamente nem reduzir as expectativas de aprendizagem. Significa observar as necessidades do participante, dialogar com ele e, quando necessário, com a família e a equipe multiprofissional, definir apoios adequados e reavaliá-los ao longo do processo. Assim, cada criança ou adolescente encontra um desafio possível e significativo, preservando-se a qualidade pedagógica e o direito de aprender e participar (Brasil, 2015, 2018).

4.5. Relação com as Famílias e Proteção dos Participantes

A participação da família pode fortalecer a experiência esportiva, desde que haja comunicação clara sobre os objetivos do trabalho: professores e treinadores precisam deixar dito que a aprendizagem e o bem-estar vêm antes de tudo e que nenhum resultado competitivo justifica desrespeito.

Algumas famílias depositam expectativa excessiva sobre a criança que joga bem; outras criticam profissionais e árbitros na frente dos próprios filhos. Nos dois casos a ansiedade aumenta e o esporte, que deveria ser fonte de prazer, vira fonte de sofrimento.

Reuniões, comunicados e conversas individuais ajudam a deixar claras as responsabilidades de cada um: a família precisa saber horários, regras, critérios de participação, formas de comunicação e os procedimentos de proteção adotados pela instituição.

Proteger também é prevenir violência física, psicológica e sexual. Insulto, ameaça, castigo físico, contato inadequado e exposição pública não podem ser naturalizados, e o Estatuto da Criança e do Adolescente determina proteção integral e prioridade na efetivação de direitos, o que impõe a instituições e profissionais o dever de manter ambientes seguros.

O profissional precisa seguir os protocolos institucionais e levar situações suspeitas aos responsáveis competentes, preservando a confidencialidade e evitando qualquer comentário que exponha a criança ou o adolescente.

4.6. Formação Profissional e Reflexão Sobre a Prática

A qualidade da intervenção depende da formação inicial e continuada, e conhecer uma modalidade como praticante não garante competência nenhuma para ensiná-la: o trabalho pedagógico pede conhecimento de planejamento, avaliação, aprendizagem motora, desenvolvimento humano, inclusão, ética e proteção, tudo isso junto. Newman et al. (2024) ressaltam que a educação de treinadores precisa contemplar explicitamente o desenvolvimento positivo de jovens, enquanto Bengtsson et al. (2024) apontam que programas de desenvolvimento interpessoal envolvendo treinadores e pais podem produzir efeitos favoráveis sobre resultados vivenciados pelos jovens atletas.

A formação continuada é o que permite atualizar métodos e revisar práticas que a rotina naturalizou sem que ninguém percebesse. Professores e treinadores podem participar de cursos, grupos de estudo, encontros profissionais e atividades de supervisão, e também podem registrar as próprias aulas e treinos para analisar depois o que funcionou e quais participantes receberam menos atenção do que deveriam.

Uma prática reflexiva se pergunta: todos participaram? As atividades estavam adequadas à idade? Houve alguma situação de constrangimento? O conteúdo foi compreendido? As regras favoreceram a cooperação? O planejamento precisa mudar?

A avaliação não deve servir só para classificar os jovens: deve dar informação para reorganizar o próprio trabalho. Registros de observação, conversas, autoavaliações e acompanhamento da evolução de cada um compõem esse processo.

Em síntese, a produção recente em língua portuguesa converge para uma atuação pedagógica que valoriza participação ativa, aprendizagem significativa, cooperação e desenvolvimento integral. Ristow *et al.* (2023) apresentam princípios de orientação construtivista para os esportes coletivos, destacando a construção ativa do conhecimento, a relevância pessoal da aprendizagem e a participação social como referências para o planejamento e a intervenção pedagógica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permite responder ao problema de pesquisa: a atuação pedagógica de professores e treinadores contribui para o desenvolvimento integral quando organiza o esporte de forma

intencional, inclusiva e adequada à idade, articulando aprendizagem técnica e tática com autonomia, cooperação, tomada de decisão, regulação emocional, respeito e proteção. Portanto, os benefícios dos esportes coletivos não decorrem automaticamente da participação, mas da qualidade do planejamento, das relações e das intervenções realizadas nos treinos, nas aulas e nas competições.

O objetivo geral foi atingido porque a revisão permitiu analisar a importância dessa atuação nas dimensões física e motora, cognitiva, emocional, social e ética. Os objetivos específicos também foram alcançados: o esporte coletivo foi compreendido como espaço de aprendizagem e formação humana; foram identificadas as dimensões do desenvolvimento favorecidas pela prática; discutiram-se metodologias centradas no jogo e na resolução de problemas; examinaram-se os riscos da seletividade, da pressão excessiva e da especialização precoce; e foram apresentados princípios para uma intervenção inclusiva, ética e protetiva.

Os resultados indicam que planejar atividades adequadas, adaptar regras e materiais, distribuir oportunidades de participação, acolher o erro, dialogar com as famílias e avaliar o processo são ações que transformam o potencial educativo do esporte em experiências concretas de desenvolvimento. Em sentido contrário, humilhação, exclusão, cobrança desproporcional e valorização exclusiva do resultado podem comprometer o bem-estar e afastar crianças e adolescentes da prática esportiva.

Conclui-se que professores e treinadores precisam reunir conhecimento técnico, formação pedagógica e compromisso com a proteção integral. As metodologias centradas no jogo favorecem a compreensão tática, a criatividade e a tomada de decisão, enquanto

a mediação respeitosa fortalece a confiança, a convivência e a responsabilidade. Como o estudo é bibliográfico, seus resultados se limitam ao material analisado; pesquisas futuras poderão observar aulas e treinos e ouvir crianças, adolescentes, famílias e profissionais para verificar como esses princípios se concretizam em diferentes contextos esportivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Rodrigo Leal de Queiroz Thomaz de; MENEZES, Rafael Pombo. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão: um ensaio teórico. *Conexões*, Campinas, v. 20, e022006, 2022. DOI: 10.20396/conex.v20i00.8666344.

BARTH, Michael; GÜLLICH, Arne; MACNAMARA, Brooke N.; HAMBRICK, David Z. Predictors of junior versus senior elite performance are opposite: a systematic review and meta-analysis of participation patterns. *Sports Medicine*, v. 52, p. 1399-1416, 2022. DOI: 10.1007/s40279-021-01625-4.

BENGTSSON, Dennis; STENLING, Andreas; NYGREN, Jens; NTOUMANIS, Nikos; IVARSSON, Andreas. The effects of interpersonal development programmes with sport coaches and parents on youth athlete outcomes: a systematic review and meta-analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 70, 102558, 2024. DOI: 10.1016/j.psychsport.2023.102558.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Presidência da

República, 2015.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

CAMPOS, Daniele; SILVA, Maynara Priscila Pereira da; PEIXOTO, Evandro Moraes. 5C's do Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: construção de uma medida. Revista Psicologia em Pesquisa, v. 19, 2025. DOI: 10.34019/1982-1247.2025.v19.39476.

ERDILANITA, Ulma; MA'MUN, Amung; BERLIANA, Berliana. Coach strategies for fostering positive youth development through sports. Jurnal Ilmu Keolahragaan, v. 8, n. 1, p. 29-37, 2025. DOI: 10.26418/jilo.v8i1.92774.

FREDERICO, Luan Felipe et al. Percepções conceituais e atitudinais de professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem esportivo. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2022. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.2022e36177089.

FREIRE, Gabriel Lucas Moraes; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do; CRONIN, Lorcan Donal; FIORESE, Lenamar. An investigation of basic needs satisfaction as a mediator of the associations between coach autonomy support and participant's life skills development in sport. International Journal of Sport Psychology, v. 54, n. 3, p. 209-226, 2023. DOI: 10.7352/IJSP.2023.54.209.

LANES, Bruno Minuzzi; RIBAS, João Francisco Magno. Momentos do Método Situacional no processo de ensino-aprendizagem dos Jogos Esportivos Coletivos: um aprofundamento conceitual. Kinesis, 2020. DOI: 10.5902/2316546444307.

LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides. “Temos que devolver o jogo ao(à) jogador(a)”: as dimensões éticas e morais da pedagogia dos esportes coletivos a partir de abordagens baseadas no jogo. Movimento, v. 28, e28040, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.119990.

LUO, Emily J. et al. Early sport specialization in a pediatric population: a rapid review of injury, function, performance, and psychological outcomes. Clinical Practice, v. 15, n. 5, art. 88, 2025. DOI: 10.3390/clinpract15050088.

MACDONALD, Dany J.; CAMIRÉ, Martin; ERICKSON, Karl; SANTOS, Fernando. Positive youth development related athlete experiences and coach behaviors following a targeted coach education course. International Journal of Sports Science & Coaching, v. 15, n. 5-6, p. 621-630, 2020. DOI: 10.1177/1747954120942017.

NEWMAN, Tarkington J.; SANTOS, Fernando; PIERCE, Scott; COLLINS, Karen; BARCELONA, Bob; MERCIER, Virginia. Scholars’ perspectives of positive youth development in coach education for high school sports. Physical Education and Sport Pedagogy, v. 29, n. 2, p. 206-220, 2024. DOI: 10.1080/17408989.2022.2039616.

PALHETA, Carlos Ewerton; CIAMPOLINI, Vitor; SANTOS, Fernando; IBÁÑEZ, Sergio José; NASCIMENTO, Juarez Vieira; MILISTETD, Michel. Challenges in promoting positive youth development through sport. Sustainability, v. 14, n. 19, 12316, 2022. DOI: 10.3390/su141912316.

RISTOW, Leonardo et al. Princípios pedagógicos para a aprendizagem significativa dos jogos esportivos coletivos. *Educación Física y Ciencia*, 2023. DOI: 10.24215/23142561e264.

SANTOS, Fernando et al. The road towards infusing positive youth development in competitive youth sport programs: the case of futsal in Minas Tenis Clube. *Sports Coaching Review*, 2024. DOI: 10.1080/21640629.2024.2412461.

SUGIMOTO, Dai; WHITNEY, Kristin E.; D'HEMECOURT, Pierre A.; STRACCIOLINI, Andrea. Youth sport specialization: current concepts and clinical guides. *Sports Health*, v. 20, n. 3, p. 416-423, 2024. DOI: 10.1177/15563316241237526.

TOESCHER, Marcelo Kopp; BERGMANN, Gabriel Gustavo; PINHEIRO, Eraldo dos Santos. Ensino de habilidades para a vida através do esporte: um estudo com treinadores de equipes escolares extraclasse. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 39, e39224133, 2026. DOI: 10.11606/issn.1981-4690.2025e39224133.

UHLE, Eduardo Roberto; PALMA, Bartira Pereira; LUGUETTI, Carla; GALATTI, Larissa Rafaela. Sensitivity, shared purpose, and learning community: a case study of a Brazilian sport program with children and young people from socially vulnerable backgrounds. *Physical Education and Sport Pedagogy*, v. 29, n. 1, p. 97-114, 2024. DOI: 10.1080/17408989.2022.2028758.

¹ Mestre em Educação Física, na subárea de Prática Pedagógica, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

² Doutor em Educação. Professor Titular do Programa de Pós Graduação em Educação e do Departamento de Educação Física da Universidade Regional de Blumenau (FURB).